

# A GUERRA DO IRAQUE: O OLHAR DOS SOLDADOS ESTADUNIDENSES E SUAS ANGÚSTIAS NO *FRONT*

**Iraq War: The U.S soldiers view and their anguish in front**

**La Irak Guerra: la mirada de los soldados y sus ansiedades**

Marcelo G. Bonfim<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho tem o objetivo de analisar as cartas de combatentes que lutaram no Iraque, e enviadas ao cineasta Michael Moore. Para isto, foi necessário compreender o contexto e os argumentos utilizados pelos soldados e pelos órgãos oficiais do governo estadunidense. Ao analisar as fontes, o que se constata é a frustração dos soldados, pois se sentiram enganados pelo governo dos EUA.

**Palavras-chave:** Oriente Médio. Relações Internacionais. História Militar.

**Summary:** The work have the objective to analyze the combatants letters how fought in Iraq, and send to the director Michael Moore. For that, it was necessary to understand the context and the arguments used by the soldiers and the official organization of the U.S. Analyzing such source, that note is the soldiers frustration in relation to the war, because they felt fool by the U.S government.

**Keywords:** Middle East. Internation Relation. Military History.

**Resumen:** El trabajo tiene como objetivo analizar las cartas de los combatientes quien luchó en Irak, y enviado a cineasta Michael Moore Para ello, era necesario comprender el contexto y los argumentos utilizados por los soldados y gobierno de EE.UU. Al analizar las tarjetas referidas, que resulta que es la frustración de los soldados en la guerra, porque se sentían engañados por EE.UU gobierno.

**Palabras clave:** Medio Este. Relaciones Internacionales. Historia Militar.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de São Paulo.

O artigo propõe destacar as cartas de soldados enviadas para o cineasta Michael Moore durante os anos iniciais da Guerra do Iraque, e que mostram as angústias e os olhares dos combatentes descontentes com o conflito iniciado em março de 2003. Para a análise das fontes foi realizada leitura do livro *Cartas da Zona de Guerra - Algum dia voltarão a confiar na América?* (MOORE, 2004) e comparada com a literatura acerca do tema.

Michael Moore nasceu em Flint, Michigan, em 1954, quando o mundo vivenciava a Guerra Fria - o embate entre Leste e Oeste. Em seu primeiro filme, *Roger & Me* (1989), demonstra seu olhar crítico em relação ao aumento no nível de desemprego nos Estados Unidos causado pelo processo de transferência da *General Motors* para o exterior. A sua filmografia também tem, como característica, a crítica contra o uso de armas pelos civis americanos, como apresentado em *Tiros em Columbine* (2002)<sup>2</sup>, filme que lhe rendeu o Oscar de melhor documentário. Ainda, é possível apreciar críticas ao governo Bush (2001-2009), como em *Fahrenheit 9/11* (2004)<sup>3</sup> em que o cineasta mostra como a administração dos republicanos construiu a necessidade da guerra no Iraque em 2003.

Na premiação do Oscar, também de 2003, Moore discursou em severo tom crítico contra a administração Bush, acusando o comandante em chefe das Forças Armadas de enganar o seu povo quanto às supostas razões em relação à guerra do Iraque. Segundo Moore, “[...] o secretário da Segurança Interna dos Estados Unidos, Tom Ridge, recomendou que o povo norte-americano estocasse fita de vedação para ser usada em janelas e portas contra possíveis ataques biológicos.” (MOORE, 2004, p. 20).

---

2 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cr8ZstJHNz8>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rxiNYUFLij4>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

Na época, Moore teve de enfrentar fortes críticas referentes ao posicionamento político, durante e após seu discurso. Ainda assim, em 2004, no período eleitoral, Moore fez campanha para o candidato democrata, John Kerry, demonstrado, posteriormente, no filme *Slacker Uprising* (2008)<sup>4</sup>. Durante a campanha de 2004 e neste filme, Moore enfatizou a questão do soldado no Iraque. Mostrou que estava recebendo várias cartas de combatentes que estavam no Golfo Pérsico, desanimados por estarem lutando em um conflito que consideravam injusto. Dessa forma, durante a campanha pró-Kerry, Moore defendeu a bandeira do *Withdrawal the Troops*.<sup>5</sup>

No final de 2003 e durante o ano de 2004, o cineasta começou a receber cartas de combatentes estadunidenses no Iraque e em outras partes do mundo. Uma parte delas foi selecionada no livro *Cartas da zona de Guerra: algum dia voltarão a confiar na América*, publicado em 2004.

No livro há cartas de soldados que estavam em combate pela defesa dos EUA no Iraque. Nelas, esta demonstrada a insatisfação dos soldados em relação ao contato com a população civil iraquiana, obviamente hostis à presença militar americana em seu país. Outros relataram o medo que tinham de, no início da guerra, serem atacados com armas químicas e biológicas. Os combatentes também afirmam que a causa da Guerra era o petróleo, e não as supostas armas químicas. Portanto, sentiam-se enganados pelo seu governo dito democrático e liberal, uma vez que a propaganda do Iraque possuir armas de destruição em massa não foi comprovada com a invasão.

Das cartas presentes no livro foram selecionadas para esta análise as que mostram a angústia desses combatentes, as críticas

---

4 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FEI\\_GNob9Ws](https://www.youtube.com/watch?v=FEI_GNob9Ws)>. Acesso em: 23 fev. 2014.

5 Retirada das tropas.

de lutarem numa guerra sem sentido. Os grandes vencedores da guerra, que não são os soldados estadunidenses, mas empresas militares privadas que obtiveram contratos bilionários, e as companhias de petróleo que se aproveitaram da justificativa das armas de destruição em massa para aniquilar o regime e o povo iraquiano. Ao ler as cartas, percebe-se o tom patriótico dos combatentes que lutaram no Iraque pois elas revelam que por mais que não considerassem justo sua ida à guerra, havia o desejo de proteger seu país.

Nas cartas há uma referência ao sentimento de defender o país, e até mesmo aqueles que criticavam a guerra não se diziam desertores ou traidores da pátria. Para definir essa ideia de nacionalismo, é necessária uma definição diferente da tradição clássica que o entende como identidade cultural de quem pertence à comunidade imaginária, com a mesma língua, etnia, história, território e cultura em comum. Afinal, o *melting pot* nos EUA, com suas inúmeras influências estrangeiras para além do WASP - *White Anglo Saxon Protestants*, os americanos não atendem aos critérios fundamentais de um Estado-nação. É antes um império multiétnico, de território contínuo e não contínuo (Alasca), com domínios ultramarinos (Havaí e inúmeras ilhas no Pacífico e Índico, que servem como bases militares).

Visando definir o nacionalismo para o caso dos Estados Unidos, o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012), no livro *Nação e nacionalismo desde 1780*, apresenta uma definição incompleta desse conceito. Segundo ele, o que caracteriza uma nação é a modernidade, e assinala que no *Dicionário Real da Academia Espanhola*, terminologias como Estado, nação e língua têm outro sentido do atual (HOBSBAWM, 2011, p. 27). Antes de 1884, a palavra nação abrangia os habitantes de uma província, país ou reino. Após essa data, ela passa a significar Estado com um governo comum.

Ainda em relação ao conceito, com base no *Dicionário da Academia Espanhola*, o termo nação só aparece em 1925, sendo definido como um conjunto de pessoas com mesma origem étnica, língua e costumes. Anterior ao século XIX, em dicionário espanhol de 1726, a palavra pátria - *pater* - terra do pai, ou seja, onde se nascia ou região pertencente a um Estado (HOBSBAWN, 2008, p. 28), designa a ideia de nação.

O conceito era usado para definir grandes grupos fechados em suas guildas e corporações. Hobsbawm lembra que, na Época Moderna, os Estados eram heterogêneos, multi-étnicos e políglotas, embora não nacionais no sentido contemporâneo. No século XIX, nação passa a ser usada no discurso político e social como princípio das nacionalidades, mas, no caso dos EUA

[...] o significado fundamental de ‘nação’ e também o mais frequentemente ventilado na literatura, era político. Equalizava ‘o povo’ e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que soa familiar em expressões como ‘Estado-nação’, ‘Nações Unidas’ ou a retórica dos últimos presidentes do século XX. Nos EUA, o discurso anterior preferia falar em ‘povo’, ‘união’, ‘confederação’, ‘nossa terra comum’, ‘público’, ‘bem-estar político’ ou ‘comunidade’, com o fim de evitar as implicações unitárias e centralizantes do termo “nação” em relação aos direitos dos estados federados. [...] a ‘nação’ era o corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política (HOBSBAWM, 2011, p. 31).

Nas Revoluções liberais (nas Treze Colônias e na França) o conceito de nação incluía o de cidadania devido ao governo civil do Estado. Hobsbawm (2011) afirma que, no caso dos Estados Unidos, o conceito de nação se difere do tradicional, que definia a nação como pessoas pertencentes ao mesmo

território, língua, religião, passado e costumes em comum como

[...] se do ponto de vista revolucionário 'a nação' tem algo em comum, não era, em qualquer sentido, a etnicidade, a língua ou o mais, mesmo que estas também pudessem ser indicação de vínculo coletivo. Como mostrou Pierre Vilar, o que caracterizava o povo-nação, visto de baixo, era precisamente o fato de ele representar o interesse comum contra os interesses particulares e o bem comum contra o privilégio, como na verdade é sugerido pelo termo que os americanos usaram antes de 1800 para indicar a existência de nações, embora evitassem a própria palavra. (HOBSBAWM, 2011, p. 32).

A nacionalidade estadunidense não seria estatal enquanto a francesa seria definida pela língua, leis e liberdades. Assim, durante o século XIX, desenvolveram-se dois conceitos de nação: o revolucionário-democrático e o nacionalista. No primeiro havia a ideia de nação como formada pelo povo-cidadão; no segundo, a relação Estado-nação-povo fundou e uniu comunidades distintas.

Tanto franceses quanto estadunidenses necessitavam criar um conceito de nação próprio, pois ambos adquiriam territórios no decorrer do tempo que, historicamente, não lhes pertenciam. No caso da França, por exemplo, a conquista da Alsácia-Lorena do Sacro Império na Guerra dos Trinta Anos e, com relação aos Estados Unidos, a anexação de territórios pertencentes ao México, como o Texas, Novo México, Colorado, Nevada, Arizona, Utah e Califórnia, além de territórios pertencentes a populações indígenas na conquista do oeste. (Cf. HOBSBAWM, 2011, p. 36)

No século XIX, a democratização da sociedade tornou-se o meio oficial de legitimação desse novo conceito de nação e, conseqüentemente, da relação entre

indivíduo e Estado. Além disso, o Estado-nação também foi moldado por questões econômicas para assegurar a riqueza da nação e atender à economia de mercado: segurança à propriedade e aos contratos; e a criação de uma moeda e de um banco nacionais, pois, para os economistas liberais, a nação deveria fornecer uma unidade viável ao desenvolvimento econômico.

Na mentalidade dos liberais do século XIX, o Estado deveria ser territorialmente suficiente para abarcar uma nacionalidade, porém, após 1945, o sentido de nação é alterado e passa a abrigar a fundação de micro-Estados, principalmente após a chamada descolonização. Essa heterogeneidade era bem vista, uma vez que o conceito de nação visava a unir povos. Segundo Hobsbawm, haveria três critérios para definir uma nação: a associação histórica com um Estado existente; uma elite cultural estabelecida; e a capacidade de conquista para expansão (2011, p. 51).

Para o liberalismo do século XIX, a nação representa um estágio da evolução alcançada, assim, a sua construção se aplicaria somente a certas nações e a alguns territórios. No final do século XIX, o princípio da nacionalidade ganhou força com a consolidação da democracia liberal e a política de massas. (HOBSBAWM, 2011, p. 55). Portanto, como o conceito de nação se transforma com o tempo, evidencia que foi forjado nas Revoluções Americana e Francesa para definir o novo tipo de sociedade que surgia, tendo como princípios a economia de mercado e o sistema político democrático como nação definida pelo princípio político de cidadania, e não somente pelo aspecto cultural.

Por mais que Hobsbawm (2011) tente reformular o conceito de nação pelas Revoluções Liberais, as quais trouxeram um caráter político, além de revelar uma necessidade cultural, este conceito não é suficiente para compreender o caso norte-americano. Nas cartas há uma conotação de pátria, que significa pertencer a um determinado

território, em que os soldados demonstram um sentimento de patriotismo por meio do amor por sua terra. Ao serem convocados, os combatentes visaram defender a terra que amam, por isso ficaram frustrados quando perceberam que seu comandante em chefe os havia enganado, com um argumento que se mostrou falso com o tempo: o fato de o Iraque possuir as armas de destruição em massa.

A primeira carta analisada, endereçada para o e-mail de Moore, foi a do soldado Al Lorentz, enviada em 22 de maio de 2004. O combatente, que critica o fato de lutar na guerra do Iraque, afirma que:

[...] cada um de nós do exército faz um juramento para apoiar e defender a Constituição dos Estados Unidos. Esta guerra nada tem a ver com apoiar e defender a Constituição. Os militares servem para defender a república e não para derrubar ditadores, constituir uma 'democracia' ou tornar um mundo melhor para todos. Embora, em determinadas ocasiões, esses objetivos sejam nobres, não podem ser uma atividade de uma sociedade livre e democrática, caso contrário ela deixará de ser uma república e se tornará um império. (MOORE, 2004, p. 24).

O combatente questiona os valores pregados pelos Estados Unidos, como de ser um país democrático e livre em que todos têm sua voz e devem lutar para defender a liberdade conquistada pelos seus pais fundadores. Também, faz uma crítica ao governo Bush, uma vez que ele estaria minando a República e a transformando num Império. Deve-se ressaltar, contudo, que os Estados Unidos são um Império anterior ao início da administração Bush (2001-2009).

A carta de Rick Bauer, escrita em abril de 2004, demonstra que o combatente se alistou para a Guerra devido aos atentados de 11 de setembro, supostamente cometido pelo grupo terrorista Al-Qaeda:

Tivemos orgulho de fazer a nossa parte pelos Estados Unidos e pela segurança do mundo. [...]. Fui enviado para cá dois anos atrás como parte do esforço de guerra no Afeganistão. Mas quando os tambores de guerra começaram a rufar pelo Iraque, não consigo descrever a sensação de afundamento que muitos de nós sentiram aqui. [...]. Enquanto os países do Golfo, sem exceção, desprezam Saddam e seus filhos, a invasão do Iraque é vista, quase sem exceção, como uma competição de ressentimentos entre os Bushs e os Husseins. (MOORE, 2004, p. 26).

O soldado afirma, orgulhoso, o fato de ter participado da Guerra do Afeganistão, a considerando-a como uma guerra justa. Dessa forma, para Bauer, a guerra do Iraque é uma continuação da política de Bush pai (1989-1993). Para o soldado, a Guerra contra o Iraque não tinha correlação alguma com a Al-Qaeda e os atentados de 11 de setembro.

Com relação ao recrutamento, o soldado Kyle Waldman enviou sua carta em fevereiro de 2004. Nela, afirma que a razão que o levou a se alistar no Exército dos Estados Unidos foram os 35 mil dólares prometidos para a Universidade. Waldman também lembra que “[...]quando um candidato a alistamento chega ao posto de recrutamento, a coisa que nos atraiu não foi um cartaz dizendo ‘Venha e morra por nós, mesmo que isso vá contra tudo o que você acredita.’ Foi o ‘Receba US\$ 35.000 para a universidade!’” (MOORE, 2004, p. 29).

Para muitos cidadãos estadunidenses pobres, alistar-se nas Forças Armadas é uma forma de ascensão social, pois são prometidas aos veteranos de guerra várias facilidades além do soldo, como empréstimos e pagamentos de mensalidades em cursos de nível superior a um baixo risco, devido ao fato de se ter em mente que o indivíduo lutará no mais poderoso Exército do mundo. Waldman também afirma que os Estados Unidos fizeram uma campanha

visando à desumanização do povo iraquiano. Contudo, ao ter contato com os cidadãos iraquianos, viu a guerra por outros olhos:

Havia alguns agricultores que nem mesmo sabiam que houve uma Tempestade do Deserto ou uma Operação Liberdade do Iraque. Foi então que me dei conta de que essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela, e não pelo seu povo; nós, como as Forças de Coalizão, não libertamos esse povo; nós, o mergulhamos ainda mais na pobreza. [...] o Iraque não foi e não é uma ameaça iminente aos Estados Unidos ou ao resto do mundo. (MOORE, 2004, p. 30).

Esse relato mostra o quão controverso era o nome da operação militar *Iraq Freedom*. Ao adotar uma política que visava

à libertação de um povo sob o comando de um governante ditatorial, a administração Bush buscou enfatizar que a guerra, além de defender os Estados Unidos contra um governo externo, também zelava pelos interesses do povo iraquiano, oprimido pelo seu ditador, Saddam Hussein. Ao governo dos Estados Unidos caberia levar àquele país a liberdade e a democracia.

Conforme relato acima, tal quadro seria mera retórica, pois os resultados da guerra foram ainda mais desastrosos para a população civil, com estimativas que apontam 120 mil mortos no conflito até o período de ocupação, conforme o sítio *iraqbodycount*. A maior parte da mortalidade iraquiana causada pela guerra ocorreu principalmente após o período de ocupação do território desse país.



**Gráfico 1.** Quantidade de civis mortos no Iraque

Fonte: (SMITH, 2008, p.100).

O soldado Sean Huze afirma que teve dificuldades em lidar com a população civil, sendo, até mesmo, forçada a atirar contra civis:

[...] a posição em que nos colocaram - combater um inimigo que usava mulheres, crianças e outros civis como escudos; nos forçar a escolher entre disparar em “áreas de alvo” (um modo agradável de se dizer atirar em multidões) ou ser morto pelos sacanas usando multidões para se proteger - é indescritivelmente horrível. (MOORE, 2008, p. 55).

Em outro relato, o soldado Anthony Pietsch relata a experiência hostil-que teve ao ter contato com a população civil:

A resistência iraquiana era insana. Passei muitas noites deitado sem dormir, após descargas de morteiros terem atingido áreas bem próximas, alguns chegando perto o bastante para lançar pedras contra a minha barraca. Vi bombas de estrada estourar por toda parte, iraquianos tentando abalroar a lateral de nosso veículo. Crianças pequenas nos mostrando o dedo médio e jogando pedras nos soldados nas torres blindadas. Certa ocasião, nos perdemos em Bagdá e só recebemos, durante horas, olhares desprezíveis e gestos irritados. O sentimento primordial por todo o Iraque parece ser de hostilidade. Aparentemente, as únicas pessoas que tentam ser amigáveis são as que mendigam à beira das estradas, ou os iraquianos pobres que vendem bugigangas e a nova moeda iraquiana (sobre a qual proclamam abertamente não confiar) do lado de fora das bases. (MOORE, 2004, p. 46).

A população civil do Iraque via as tropas da Coalizão anglo-estadunidense como invasoras, auxiliares do processo que instaurou a desordem e o caos no país, pois, além de sofrerem as consequências da guerra,

o número de mortos civis aumentou no período de ocupação. Como em outros relatos, Pietsch também afirma que foi enganado pelos recrutadores durante seu alistamento no Exército:

Fui persuadido pelo oficial de recrutamento a assinar um contrato com a idade de 16 anos, e assim que me tornei legalmente capaz, aos 17 anos, me apresentei, principalmente porque achava que seria uma boa maneira de faturar algum dinheiro durante o curso médio, e porque me foi assegurado que nada aconteceria, que o nosso país não faria guerra. [...] Bush vive falando que outros países, além do Iraque e do Afeganistão, são um problema para a segurança [...]. Não sei como será o resto da minha vida, mas me arrependo sinceramente de ter sido um garoto de 16 anos atrás de alguns trocados extras e um caminho para a faculdade. (MOORE, 2008, p. 47).

É importante destacar que as Forças Armadas norte-americanas, após o fracasso na Guerra do Vietnã (1955-1975), passaram por reestruturação. Nesse processo, alterou-se a forma de recrutamento de soldados, além do modelo vigente até então dos conscritos, passando a vigorar o Voluntariado<sup>6</sup>, procedimento próximo ao aplicado pelos britânicos após o fim da Segunda Guerra Mundial. No sistema estadunidense, como forma de atrair os jovens, o Exército fornece uma série de “vantagens”, como o financiamento da Universidade, empréstimos para compra de imóveis, além, é claro, a premissa de que, se algo acontecer ao soldado, como ferimento, lesão permanente ou mesmo morte, há a garantia de pagamento de pensão e auxílios aos familiares.

---

6 All Volunteers.

Todavia, quando retornam da guerra, muitos soldados norte americanos acusam o governo de não estar oferecendo o serviço de assistência outrora prometido. É o caso do veterano Craig Smith, voluntário que lutou no Iraque no início da invasão, entre março de 2003 a janeiro de 2004:

Após servir dez meses no Iraque, voltei aos Estados Unidos com a esperança de seguir minha vida. Foi quando começaram os pesadelos. Fiquei muito nervoso. Pode chamar de “nervoso e irritável”. Lidei com isso por algum tempo; então, resolvi que precisava de ajuda. Fui ao Fort Carson Hospital, para ver de que modo poderia conseguir um tratamento para PTSD, distúrbio de estresse pós-traumático. Fiz um exame de avaliação. Minha papelada foi perdida pelo hospital. Voltei para outro exame de avaliação. Dessa vez, fui examinado por uma médica. Durante a consulta com a médica, ela me disse que, sim, eu tenho PTSD. Posteriormente, quando fui verificar a minha documentação, lá dizia que eu não tinha PTSD, mas que isso não queria dizer necessariamente que eu não sofria do sucedido. Também afirmava que eu tinha pesadelos com crianças mortas. Também afirmava uma porção de outras coisas. (MOORE, 2008, p. 54).

O relato acima mostra a angústia do soldado que, ao retornar para casa, busca o tratamento para seu transtorno psicológico e não encontra amparo naqueles que deveriam cuidar dos veteranos de guerra:

Frustrado e sem tratamento, continuei procurando ajuda. O hospital de Fort Carson me forneceu um número para ligar - um telefone de socorro de 24 horas. Eles me deram a porra de um telefone de socorro 24 horas para me ajudar com os meus pesadelos, senhor Moore. Depois, me disseram que o Fort Carson sofre de falta de pessoal e que

eles têm APENAS DOIS MÉDICOS NA EQUIPE PARA AJUDAR PACIENTES COM PTSD. Imagine só, Michael - MILHARES DE TROPAS retornando de COMBATE e apenas dois médicos para ajudá-las a retornar à vida! O que eles estão fazendo com aqueles que dão tanto e só pedem que os nossos líderes tomem decisões acertadas? Farto disso, escrevi para o meu senador. Ele respondeu e me ofereceu ajuda, Wyne Allard, para ser exato. Agradeço a ele por sua resposta imediata. Igualmente fui ao centro da cidade de Colorado Springs, ao Centro dos Veteranos, para também procurar ajuda com eles. Ofereceram-me ajuda. Todo mundo quer ajudar, senhor Moore, exceto o nosso próprio pessoal (MOORE, 2008, p. 54).

O veterano de guerra mostra que o governo faz um jogo de “gato e rato” com seu combatente. Se não há a recusa direta à assistência necessária, também não há o devido cuidado com relação àqueles que deixaram sua vida para defender o país, mesmo que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial com o *G.I Bill of Rights*<sup>7</sup>, o governo dos Estados Unidos buscou dar uma assistência maior para aqueles cidadãos que pegaram em armas. No período pós-Segunda Guerra, o G.I Bill foi considerado um programa modelo de reintegração aos veteranos.

Desde 2001, nas guerras realizadas pela administração Bush, o *G.I Bill post 9/11*

---

<sup>7</sup> Este plano foi aprovado em 22 de Junho de 1944 contendo três provisões chaves: a) a educação e o treinamento - a lei previa um ano integral de estudo e treinamento para todos os veteranos que serviram por no mínimo 90 dias; o ato previa um pagamento da mensalidade dos estudos; b) os empréstimos, tendo facilidades e benefícios nos financiamentos tomados aos bancos; c) o emprego dos veteranos, através do pagamento de uma compensação para os veteranos desempregados - os que serviram por no mínimo 90 dias recebiam \$20 dólares por mês durante no máximo 52 semanas, e através de uma agência governamental especial para encaminhar os veteranos a ocupações de acordo com suas capacidades e formação. Os veteranos tinham que se registrar nessa agência e comparecer a ela regularmente.



oferta uma série de benefícios para aqueles que se comprometem em pegar em armas. Porém, como se percebe, os veteranos não conseguem usufruir de tais benesses, e são abandonados por aqueles que deveriam assegurar direitos, historicamente oferecidos, aos veteranos de guerra.

Além do descaso em relação ao tratamento psicológico, há também casos de veteranos de guerra que sofreram danos na saúde causados pela exposição de Urânio Empobrecido<sup>8</sup>, resíduo do lixo das usinas nucleares. Ao enriquecer o urânio, apenas o isótopo U-235 é utilizado em reatores e armas nucleares, o restante do material contém altas quantidades de U-238 e quantidades menores de U-235 e U-234. O U-238, altamente radioativos, e utilizados na produção de armamentos contendo urânio empobrecido.

O soldado Keith Pilkington, em carta enviada a Michael Moore no dia da independência dos Estados Unidos em 2004, afirma a tristeza de ter sido enganado pelo governo que apresentara, entre outros argumentos, a libertação do povo iraquiano de seu tirano Saddam Hussein:

O governo norte-americano jamais assegurou os direitos dos iraquianos à vida, à liberdade e à busca da felicidade. [...]. Os campos de petróleo estão seguros, e empresas americanas

garantiram contratos multibilionários com o governo para saquear o petróleo iraquiano. Devemos todos nos orgulhar. O nosso direito à propriedade iraquiana está garantido. (MOORE, 2008, p. 58).

A propaganda governamental para justificar a guerra afirmava, constantemente, que Saddam Hussein representava perigo aos Estados Unidos e à comunidade internacional por possuir armas de destruição em massa. Em nenhum momento foi utilizado o argumento da necessidade do petróleo como forma de justificar a guerra.

A tão aclamada Guerra ao Terror decretada por George W. Bush fez com que seu governo ganhasse uma gigantesca popularidade, alcançando índices de 90% de aprovação em poucos dias após o 11 de setembro. Conforme exposto na tabela abaixo, os picos de aumento da popularidade do presidente ocorreram em épocas emblemáticas, como o início da Guerra do Afeganistão (2001), Guerra do Iraque (2003), e a captura de Saddam Hussein.

Isso demonstra, também, que as guerras de Bush têm, aliadas aos interesses econômicos e políticos, a realização de um *marketing* de governo, pois, como a guerra é um ato estritamente ligado a decisões do Poder Executivo, que necessita do aval do Congresso, essa superexposição do presidente, como o líder que guiará a nação na guerra do bem contra o mal, fez com que Bush consolidasse seu poder e vencesse as eleições de 2004. Afinal, para a equipe do marketing político de Bush, sair do Iraque era um sinal de fraqueza, além de significar admitir um erro internacionalmente.

Com a ocupação, e o saque evidente dos recursos iraquianos, os soldados viram que a retórica de seu governo os enganara, e perceberam que estavam lutando em uma

8 O Exército dos Estados Unidos utilizou na Guerra do Iraque (2003) munição de D.U (*Depleted Uranium*), conhecidas também como bala de prata. As Forças Armadas estadunidenses negam qualquer dano colateral causado pelo uso dessa munição, contudo, a ONU, numa reunião em outubro de 2008, aprovou uma resolução permitindo que a Organização Mundial da Saúde, Agência Internacional de Energia Atômica, e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente realizassem estudos para verificar os danos causados pelo uso da munição de D.U, no meio ambiente e entre os veteranos de guerra. O texto que aprovou a ONU realizar pesquisas e estudos sobre o D.U, teve 141 votos favoráveis, 34 abstenções, principalmente de ex-membros da URSS e da OTAN, e quatro votos contrários, dos Estados Unidos, Reino Unido, Israel, e França.

guerra que defendia, sobretudo, os interesses de grandes Corporações que tinham contratos com o governo norte-americano, e revelavam interesses das petrolíferas e da política externa, desenhadas de maneira pouco democrática, no intuito de reorganizar a geopolítica da região. Há, porém, soldados que desejavam enfrentar a estrutura militar e se recusar a lutar numa guerra considerada sem sentido. Foi o caso do soldado Vadim Nuniyants:

Os jovens com quem me encontrei em Nova Orleans eram algumas das pessoas mais corajosas com quem já me deparei. Preferiam ir para a cadeia a lutar no Iraque. Aliás, um dos meus colegas lá, Stephen Funk, enfrentou a corte marcial e passou seis meses em uma prisão militar. Mas tenho certeza de que ele percebeu que o preço a pagar por agir de acordo com o que acredita foi pequeno. O engraçado, porém, é que ele é o único opositor consciente que conheci que foi para na cadeia. Isso porque foi o único opositor consciente que tornou pública sua recusa em lutar. Deu entrevistas a programas de rádio e a jornais. No final das contas, consegui uma dispensa honrosa, e é por isso que estímulo mais e mais que membros das forças armadas se mantenham firme diante do que acreditam. (MOORE, 2008, p. 73).

O relato acima demonstra que não foram todos os militares que, cegamente, acreditaram na propaganda governamental da guerra. No entanto, em alguns casos, como o de Stephen Funk, o preço foi maior, por exercer sua liberdade de expressão, sendo preso. Estranho pensar que numa sociedade que se diz modelo de democracia no mundo, escolher quais pessoas podem exercer seus direitos fundamentais, e universais, presente até mesmo na Declaração Universal de Direitos Humanos, que teve como líder, para assinatura da carta, Eleanor Roosevelt.

O soldado Joseph Cherwinski, por sua vez, relata o que o desmotivou na sua participação na Guerra do Iraque:

[...] dia após dia eu me perguntava por que estávamos lá. “Pela liberdade do povo do Iraque”, nos disseram, mas, dia após dia, operários iraquianos iam à nossa base para trabalhar, e nesses dias eu lhes perguntava se a situação tinha melhorado pelo fato de estarmos lá, e toda vez ele diziam que piorou ou estava a mesma coisa. [...]. (MOORE, 2008, p.74).

Cherwinski, ao ter contato com a população local, constatou que a vida do povo iraquiano nada tinha mudado. A ideia de lutar no Iraque como forma de libertar esse povo de um governo tirano, levando, assim, a melhorias na qualidade de vida da população, foi mera retórica política:

Certo dia, eu estava vigiando um grupo de operários iraquianos. O trabalho deles era encher sacos de areia para a nossa base. a temperatura era de no mínimo 50 graus. Eu tinha de ficar sentado ali, vestido com todo o equipamento, observando-os. Eu estava sentado e tomando água, e mal conseguia suportar o calor, portanto mandei que os operários fossem para a sombra e tomassem água. Deixei que descansassem na sombra por uns 20 minutos. Então um suboficial, que era encarregado de todos os prestadores de serviço iraquianos que trabalhavam para a base, me disse que eles não precisavam de descanso e que deveriam encher sacos de areia até as vacas voltarem para casa. Em seguida, mandou os iraquianos voltarem ao trabalho. Após cerca de 30 minutos, mandei que eles fizessem outra pausa, desse modo, desobedecendo ordens. Se fossem soldados enchendo sacos de areia, naquele calor todo, eles fariam um período de 10 minutos de trabalho por 50 minutos de descanso,

para evitar baixas motivadas pelo calor. (MOORE, 2008, p. 74-75).

Nesse relato, o soldado demonstra a forma como as lideranças militares tratavam a população local. Neste caso, os operários iraquianos trabalhavam em um regime semelhante ao de escravidão. As condições de trabalho eram subumanas e, ainda, havia um agravante, pois os civis, que trabalhavam para as tropas invasoras, poderiam sofrer represálias de seus pares por serem considerados colaboracionistas:

O suboficial veio novamente, mandou os iraquianos voltar ao trabalho e me disse que eu não precisava ficar sentado no sol para vigiá-los, que eu poderia me sentar na sombra. Eu lhe disse que não, que eu precisava ficar ali com eles porque, quando eu começasse a precisar de água, então eles estariam realmente precisando de água. Ele me disse que isso não era necessário, que eles viviam ali e estavam acostumados àquilo.

[...] ao passar por isso, percebi que não estamos lá por causa da liberdade deles, não estamos lá por causa de armas de destruição em massa. Não fazemos mais a mínima ideia pelo que estamos lutando. (MOORE, 2008, p.74-75).

Nesta última parte da carta, Cherwinski mostra que não entende o fato de lutar no Iraque, uma vez que a realidade não era libertar os iraquianos de seu governo tirano, mas substituí-lo por outro, o Exército invasor, que reprimia e destratava a população. Mudavam-se os métodos, mas os resultados eram semelhantes.

É interessante notar nos relatos dos soldados as suas decepções em relação ao conflito quando também demonstram terem acreditado na propaganda pró-guerra executada pelo governo dos Estados Unidos. Porém, ao estar no *front*, percebiam que no dia a dia das tropas de coalizão não eram oferecidas melhorias significativa ao povo iraquiano, pelo

contrário, viam-se caminhões e mais caminhões transportando o petróleo iraquiano não com o intuito de salvar o povo, mas enriquecer os conquistadores do território.

Ao perceberem que foram enganados pelo próprio governo que ajudaram a eleger, ficaram desmotivados por estar ali, por não saberem os motivos que os fizeram largar suas vidas para defender seu país. Outros, como a soldado Mari Lalley, não entende as razões que levaram os civis iraquianos a hostilizarem as tropas da Coalizão:

Sou uma Seabee [membro de batalhão de construção da Marinha norte-americana em zonas de combate], e iremos construir escolas e refazer as conexões elétricas e de abastecimento de água de lá. Não estou empolgada com isso. Sete Seabees já foram mortos tentando ajudar os iraquianos. [...]. Os iraquianos não querem a nossa ajuda. Se quisessem, não estariam tentando nos matar. (MOORE, 2008, p. 78).

Até mesmo quando o combatente vai ao Iraque por algum motivo mais nobre, como no caso citado acima, em que há a promessa do soldado em reconstruir o país, não há motivação em deixar a vida nos Estados Unidos. O relato de Lalley mostra, também, que a soldado não compreende o porquê de os iraquianos rejeitarem tanto os soldados, não aceitando a suposta ajuda das tropas invasoras. Um oficial enviou uma carta para Moore de forma anônima, com receio de ser descoberto e ser enviado para Guantánamo em represália, em que afirma que tinha medo de ser atacado por mísseis *scud* com armas químicas e biológicas:

O que me matava de medo era me encontrar no alvo de um *scud* com uma arma química ou biológica e não conseguir colocar minha máscara a tempo. Se alguém já viu ou leu sobre o que essas armas são capazes de fazer entenderá o meu medo. Nos primeiros

dois dias da guerra recebíamos um alerta cada vez que um míssil era disparado. O medo ao colocar a máscara o mais depressa possível, e depois esperar para ver se você levava a melhor ou era atingido pelo scud é algo que nunca mais quero vivenciar. [...]. Saddam jamais lançou um ataque químico. Creio que, certamente, precisamos agradecer a algum general por não cumprir ordens, já que Saddam SÓ PODIA ter todas aquelas armas. [...] as armas nunca foram encontradas. Me senti usado e traído. (MOORE, 2008, p. 88).

Esse e outros relatos mostram que muitos soldados lutaram numa guerra sem sentido para eles. As acusações de que o Iraque possuía armas de destruição em massa causaram temor nos combatentes durante a invasão, porém, tais armas nunca foram encontradas, o que confirma a inspeção organizada por Hans Blix, inspetor da ONU, que constatou ser difícil o governo iraquiano possuir tais armas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ler os relatos desses homens e mulheres que lutaram pelo seu país, é importante destacar que todos se declararam patriotas, mas que de uma forma ou outra se sentiram enganados pelo governo central. As cartas selecionadas por Moore, e apresentadas em seu livro, afirmam a causa que os soldados defendiam: a retirada das tropas norte-americanas do Iraque. Não há na fonte qualquer carta que se contraponha à falta de perspectiva e sentido, e que pudesse afirmar, por exemplo, que a Guerra e a permanência dos soldados no Iraque eram necessárias.

Mesmo que não haja opositores às ideias apresentadas por Moore, fiel aos relatos dos soldados, não é desmerecido o fato de os combatentes poderem expor suas versões acerca dos seus sofrimentos, angústias, dúvidas e razões vivenciadas no Iraque, bem como o sentimento de patriotismo por estarem defendendo o país mesmo com suas incertezas quanto à Guerra.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, N. **Bush e a doutrina das guerras sem fim**. Rio de Janeiro: Revan, 2. ed, 2003.

FERGUSON, N. **A lógica do dinheiro: riqueza e poder no mundo moderno 1700-2000**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **Colosso: ascensão e queda do Império Americano**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Império**. Como os britânicos fizeram o mundo moderno. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010.

FROMKIN, D. **Paz e guerra no Oriente Médio**. A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio moderno. Rio de Janeiro: Contraponto, BIBLIEX, 2011.

HOBBSAWM, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nação e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOHNSON, C. **As aflições do império**: militarismo, operações secretas e o fim da república. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KEEGAN, J. **Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: BIBLIEX Ed. 2005.

LOSURDO, D. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEAD, W. R. **Poder, terror, paz e guerra**: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SMITH, D. **Atlas dos conflitos mundiais**: um apanhado dos conflitos atuais e dos acordos de paz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

\_\_\_\_\_. **O atlas do Oriente Médio**: o mapeamento completo de todos os conflitos. São Paulo: Publifolha, 2008.

TALBOTT, Strobe; NAYAN, Chanda (Orgs.). **A era do terror**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

YERGIN, Daniel. **O petróleo**: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

## FONTE

MOORE, M. **Cartas da zona de guerra**: algum dia voltarão a confiar na América? São Paulo: Francis, 2004.

## FONTES AUDIOVISUAIS

YOUTUBE. **Fahrenheit 9-11 Legendado**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rxiNYUFlj4>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

YOUTUBE. **Michael Moore's Slacker Uprising**. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=FEI\\_GNob9Ws](http://www.youtube.com/watch?v=FEI_GNob9Ws)>. Acesso em: 15 dez. 2013.

Recebido em: 20 de abril de 2015.

Aprovado em: 17 de julho de 2015.